

3. DEZ 1967

Marcos Augusto Gonçalves

## 3. DEZ 1967 "Centrão"

Domina a cena brasileira uma nova entidade que já traduz em sua própria designação a pobreza, a inconsistência, o caráter amorfo, sem espinha, provinciano, do universo político do país: o "Centrão". Não se trata de uma tendência político-ideológica definida a partir de um conjunto sistematizado de idéias sobre a realidade social na qual pretenderia intervir. O que se tem não equivale, a rigor, a um recorte definido, orgânico, coerente, no mapeamento de uma política que assim merecesse ser chamada. Pode-se dizer, como dizem alguns, que o "Centrão" na verdade é a direita —mas nem isso chega a ser, embora tente, de fato, representar o papel.

O que melhor define este agrupamento é o uso, em seu nome, do sufixo "ão". Além de funcionar como aumentativo, acrescenta a esta característica um espectro de significados que, possivelmente, só aos brasileiros é permitido conhecer: encerra um certo ar carnavalesco (do cordão, do sambão, do mulatão), passeia pelo transe futebolístico (Mineirão, bolão), mistura os dois (Canecão) e remete, ainda, para a megalomania subdesenvolvida dos calçados, dos timões etc.

O "Centrão" é da ordem do bando, portanto. Da ordem da turba. É face institucional do povão —em rivalidade, certamente, com o partidão.

Alguém minimamente civilizado que procure exercitar alguma distância ao ler ou assistir o noticiário de jornais e da TV dificilmente deixará de se horrorizar —ou se divertir— com as tentativas de conferir seriedade às frases sobre os acontecimentos diários da política obrigadas a tropeçar no desagradável vocábulo "Centrão".

A tortura é ainda maior quando se percebe que o grupo —aparentemente fadado a uma atuação breve, até mesmo positiva em alguns aspectos, por forçar a negociação de algumas burrices cometidas pelos "progressistas" no texto do substitutivo— promete acompanhar o já insuportável cotidiano do país ainda por muito tempo.

As negociações sobre o regimento do plenário transformaram-se numa detestável novela, cujo enredo —tragicômico— começou a ser escrito com o equívoco de fazer coincidir o Congresso e a Constituinte, prosseguiu no patético texto elaborado por Bernardo Cabral, desaguou nas trapalhadas e vilezas da Comissão de Sistematização para, finalmente, encalhar no "Centrão".

Certamente algum tipo de acordo será feito. Espera-se, apenas, que o acerto entre Ulysses Guimarães e o "Robertão" (como não poderia deixar de ser conhecido um dos líderes da "tendência") conceda ao país um texto constitucional aprovado pela maioria.